

## Ontologias práticas: da subcrítica à hiper-crítica das ciências.

**Tobias Marconde de Carvalho Gomes**

Mestrando em Filosofia na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/1709374566097448>

tobiasmarconde@gmail.com

171

Há um problema no discurso crítico sobre as ciências, especialmente em alguns que se pretendem decoloniais, subalternos e anti-hegemônicos, que é o aspecto denunciante sobre a Ciência Moderna. Em oposição à objetificação, racionalização e neutralidade ocidentais, os autores dessas outras “epistemologias” defendem a subjetificação (humana), a corporeidade (humana), a emoção (humana), e a politização (humana). Mesmo quando pretendem colocar a ciência em pé de igualdade com outras práticas de conhecimento, todas elas “igualmente válidas”, o aspecto do multiculturalismo retorna: nesse caso, há uma única Natureza que seria igualmente inacessível a todas as culturas – todos os praticantes acabam com nada nas mãos além de seus próprios valores culturais, absolutamente contingentes e humanos.

Infelizmente, além de ser uma caracterização muito simplista unidimensional das práticas científicas, essa posição é simetricamente corrosiva com as práticas não modernas. As entidades outras-que-humanas que emergem das práticas de conhecimento através de provas situadas a cada prática e que respondem a obrigações e negociações são tratadas como a “continuação do sujeito por outros meios” (Santos, 1995, p. 52). A agência de outros-que-humanos – sejam eles os micróbios para os biólogos, os teoremas para os matemáticos, os xapiri para os yanomami, os orixás para os candomblecistas – não pode ser reduzida ao “sujeito” ou a valores culturais.

Isso é recorrer novamente ao aparato Moderno que retira realidade do mundo e a coloca apenas nos “aspectos culturais”. Como podemos caracterizar a ciência moderna e, de maneira mais geral, as práticas de conhecimento, de maneira a possibilitar uma coexistência mínima ou uma diplomacia? Pretendo defender que, a partir do diagnóstico de Bruno Latour em *Jamais Fomos Modernos*, é possível fazer uma descrição deflacionária das ciências modernas que diminui o poder do “inimigo” e que, ao mesmo

tempo, viabilize uma coexistência que assegure a verdade das diferentes práticas de conhecimento – formuladas agora não como práticas epistemológicas, mas ontológicas.

**Palavras-chave:** Crítica. Ecologia de práticas. Decolonialidade. Modernidade.

### Bibliografia

CHAKRABARTY, D. O clima da história: quatro teses. *Sopro*, n. 91, p. 12, jul. 2013.

COSTA, A. Por uma verdade capaz de imprever o fim do mundo. *Revista Coletiva*, Dossiê Emergência Climática. v. 27, 2020.

DE LA CADENA, M. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”. *Maloca: Revista de Estudos Indígenas*, v. 2, p. e019011, 23 nov. 2020.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

LATOUR, B. *Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020.

LATOUR, B. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. *O que nos faz pensar*, v. 29, n. 46, p. 173, 15 jul. 2020.

MARRAS, S. O Brasil e os brasis no Antropoceno: bifurcações à vista. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, p. 126–142, 3 dez. 2020.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

SMITH, B. H. *Practicing Relativism in the Anthropocene*. Londres: Open Humanities Press, 2018.

STENGERS, I. *The invention of modern science*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

STENGERS, I. *Cosmopolitics II*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.